

**Religião e identidade na contemporaneidade brasileira:
uma comparação entre católicos e afro-religiões a partir do censo 2010 do IBGE**

*Religion and identity in brazilian contemporary:
a comparison between catholics and afro-religions as of 2010 IBGE census*

Valquiria BARROS¹

Resumo

O objetivo deste artigo foi refletir sobre as transformações no campo religioso brasileiro, tomando como referencial uma comparação entre a religião católica e as de matrizes africanas com a finalidade de oferecer um panorama sobre as tendências do comportamento religioso no Brasil. O presente trabalho é de abordagem qualitativa e visa analisar dados considerados brutos e sem tratamento analítico prévio, retirados do censo de 2010 do IBGE. Buscamos a partir da literatura especializada, interpretar os dados com o objetivo de identificar os sentidos que motivaram possíveis alterações na declaração de pertença religiosa. Assim, os dados são tomados aqui como recursos fundamentais, no sentido de que forneceram subsídios centrais à pesquisa. Nessa direção, o trabalho de interpretação teve a finalidade de descortinar e revelar possibilidades relacionadas ao trânsito religioso dos brasileiros, procurando compreender significados e sentidos atribuídos à pertença religiosa. Os resultados apontam diferentes motivações entre católicos e praticantes de religiões afro-brasileiras.

Palavras-chave: Censo. Identidade. Catolicismo. Umbanda. Candomblé.

Abstract

The objective of this article was to reflect on the transformations in the Brazilian religious field, taking as a reference a comparison between the Catholic religion and those of African matrices in order to offer an overview of the trends of religious behavior in Brazil. The present work has a quali-quantitative approach and aims to analyze data considered raw and without prior analytical treatment, taken from the 2010 IBGE census. Based on the specialized literature, we sought to interpret the data in order to identify the meanings that motivated possible changes in the declaration of religious affiliation. Thus, the data are taken here as fundamental resources, in the sense that they provided central subsidies to the research. In this direction, the interpretation work had the purpose of uncovering and revealing possibilities related to the religious transit of Brazilians, seeking to understand meanings and senses attributed to religious belonging. The results indicate different motivations between Catholics and practitioners of Afro-Brazilian religions.

Key words: Census. Identity. Catholicism. Umbanda. Candomblé

¹ Doutora em Humanidades pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Pesquisadora do Laboratório de Ética em Pesquisa, Comunicação Científica e Sociedade (LECCS), no Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis (IBqM/UFRJ). Foi bolsista CAPES.
E-mail: valquiria.vsb@gmail.com

Introdução

A contemporaneidade vivencia uma forma de estar e de sentir personalizada, centrada no “eu” individualizado, trata-se de uma existência individualista personalizada e, também, pluralista sem acesso único à “verdade” e tudo parece girar em torno do “destino geral da efemeridade” (SPENGLER, 2009, p. 39), destacando a incerteza a nível global como risco eminente. Nesse contexto de incertezas, a globalização estabelece padrões culturais homogêneos e banalizados que se estendem a todas as instâncias da vida do sujeito, evidenciando um amplo conjunto de mudanças ocorridas nos mais variados campos da realidade, destacando-se para este texto, o campo religioso.

Denise dos Santos Rodrigues (2012) apresenta uma reflexão que dialoga sobre as transformações por que passou o campo religioso internacional permeado por “deslocamentos”, “desencaixes” e “reencaixes” que marcam as relações sociais. Segundo a autora essas mudanças foram fomentadas por alterações nos cenários políticos que acarretaram os processos de secularização e laicização das sociedades, desestabilizando a tradição e flexibilizando a ordem instituída e o desenraizamento dos indivíduos.

Segundo a autora, a reconfiguração religiosa da contemporaneidade privilegia fluxos e trânsitos que desarticularam as amarras dos indivíduos, tanto objetivamente quanto subjetivamente, rompendo com os antigos modelos. O modelo mais verticalizado de difusão globalizante, do centro para a periferia, ainda hegemônico no campo religioso, cedeu espaço a modalidades mais horizontalizadas de difusão, ou, como observa José Jorge de Carvalho (2001, p. 443), a uma globalização “que é negociada horizontalmente não a partir de centros de poder político e econômico, mas de um ponto remoto, embora radicalmente não-periférico”.

O detalhe mais evidente nesse processo de horizontalização da globalização da religião, segundo Giddens (1997), seria o ganho de autonomia identitária dos indivíduos frente às “tradições” que sustentam muitas das modalidades religiosas existentes na atualidade. As religiões – e mesmo as religiosidades mais difusas e desinstitucionalizadas do mundo moderno – necessitariam, em maior ou menor escala, de algum ancoramento em tradições com alguma profundidade histórica.

Em sociedades que passaram por um processo de destradicionalização ocorre, então, que o indivíduo não tem “outra escolha senão decidir como ser e como agir” (GIDDENS, 1997, p. 94), já que, como sugere Giddens, a tradição não mais lhe

constrange a repetir o passado, ou, parafraseando Bauman (1998, p. 113), já que o passado está proibido de se relacionar com o presente. Tendo que decidir “como ser e como agir”, o indivíduo tornar-se-ia um ativo “escolhedor”, o que, por consequência, lhe fortaleceria ou lhe forneceria a autonomia: “a escolha ativa certamente produz – ou é – a autonomia” (GIDDENS, 1997, p. 94).

Giddens oferece um modelo para compreensão das lógicas que orientam os exercícios internos que o “eu” moderno tem que realizar para adaptar-se e deslocar-se nas sociedades ocidentalizadas dos tempos atuais. Sua noção de “reflexividade do eu” como um projeto da modernidade “ao mesmo tempo emancipatório e constrangedor” (GIDDENS, 1993, p. 87) para o indivíduo, sintetiza as ambiguidades a que estão sujeitas as pessoas na atualidade, diante dos dilemas de terem que exercitar uma suposta liberdade de opções que se mostra simultaneamente recompensadora em sua natureza democrática e opressora em sua natureza compulsória.

Nessa perspectiva, segundo Rodrigues (2012), a noção de risco amplifica-se na contemporaneidade e a mudança se tornou a palavra-chave da contemporaneidade. A contestação dos sistemas tradicionais e/ou releitura sinalizam metamorfoses na esfera religiosa que inauguram novas formas de crer e ritualizar, oportunizando o aparecimento de várias identidades fluidas e variáveis que seguem as tendências do mundo globalizado, com fronteiras cada vez menos definidas. Elementos culturais diversos articulam-se em fronteiras fluidas que conduzem a uma reinterpretação de práticas religiosas tradicionais, num processo de recriação e ressignificação dos sentidos do sagrado e de suas manifestações, ganhando assim, significado próprio.

A desinstitucionalização, nessa medida, torna-se marca da religiosidade na contemporaneidade que “traduz um intenso trânsito que se reflete, sobretudo, nos recenseamentos periódicos brasileiros”. Esse novo modelo de indivíduos autônomos reinterpreta os sentidos da religião de forma particular denunciando a crise contemporânea do pertencimento religioso, conforme destacado por Rodrigues (2012). Desse modo, os indivíduos dispensam intermediários e buscam deus de sua própria forma.

A autora conclui que todos esses aspectos apontam para um indivíduo que assimilou a liberdade religiosa como possibilidade, e assumiu como identidade a categoria sem religião como reflexo de um cenário religioso, que tem na autonomia e na desinstitucionalização marcas de expressão do pertencimento ou não pertencimento religioso. Por outro lado, os adeptos de religiões tradicionais parecem alargar as fronteiras

da religião e, muitas vezes, optar pelo trânsito religioso como uma possibilidade de reinterpretção do universo religioso para além de dogmas e verdades fixas.

Na perspectiva das transformações da identidade religiosa, a proposta deste artigo é refletir sobre as mudanças da religiosidade brasileira e, para tanto, tomamos o Censo do IBGE de 2010 como principal sintoma dos reflexos das transformações no campo religioso no Brasil. Para observar as particularidades relacionadas às mudanças nas declarações de pertença, fazemos uma breve comparação entre a religião católica e as religiões de matrizes africanas, analisadas a luz da literatura especializada.

O presente trabalho é de abordagem qualitativa (MINAYO, 2006) e trata-se de uma análise documental de base interpretativa e cunho exploratório. Muito embora a pesquisa documental possa ser confundida, ou até se sobrepor à pesquisa bibliográfica, a utilização do material como fonte primária de informações, como relatórios, por exemplo, se aproxima mais da pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

O *corpus* de análise é composto pelos dados extraídos do censo de 2010 do IBGE e que versam sobre a declaração de pertença religiosa dos brasileiros. O *corpus* textual de análise constitui-se de dados considerados brutos e retirados do censo de 2010 do IBGE e sem tratamento analítico prévio para os fins desta pesquisa. Como descreve Krippendorff (2004, p. 29-30, tradução nossa), os componentes conceituais para pesquisa documental são os seguintes:

Um corpus textual, os dados de que dispõe o pesquisador para iniciar um esforço analítico; a questão de pesquisa que o pesquisador busca responder examinando o corpus; um contexto da escolha do pesquisador dentro do qual dará sentido ao corpus; um construto analítico que operacionaliza o que o pesquisador sabe sobre o contexto; Inferências que se destinam a responder à questão de pesquisa, que constituem a realização básica da análise de conteúdo; Validação das evidências, que é a justificativa última da análise de conteúdo² (KRIPPENDORFF, 2004).

A abordagem metodológica buscou, a partir da literatura especializada, interpretar os dados brutos com o objetivo de identificar os sentidos que motivaram possíveis

² No original: “A body of text, the data that a content analyst has available to begin an analytical effort; A research question that the analyst seeks to answer by examining the body of text; A context of the analyst's choice within which to make sense of the body of text; An analytical construct that operationalizes what the analyst knows about the contexto; Inferences that are intended to answer the research question, which constitute the basic accomplishment of the content analysis; Validating evidence, which is the ultimate justification of the content analysis”.

alterações na declaração de pertença religiosa no Censo de 2010 em comparação com os anteriores. Com o objetivo de compreender melhor o objeto, de modo a tornar explícitas suas particularidades, foi feita uma abordagem exploratória (GIL, 2002). Para maior familiaridade com a temática, exploraram-se referências de cunho teórico e de resultados de pesquisas ou vinculadas ao tema, com vistas à ordenação e definição teórico-conceitual.

Os dados foram cotejados com a literatura especializada e atualizada sobre o tema, focando, inclusive, os contextos sociológicos de suas construções. Assim, os dados tomados aqui como recursos fundamentais, no sentido de que forneceram subsídios centrais à pesquisa. Nessa direção, o trabalho de interpretação teve a finalidade de descortinar e revelar possibilidades relacionadas ao trânsito religioso dos brasileiros, procurando compreender significados e sentidos atribuídos à pertença religiosa.

Com base em José Jorge de Carvalho (2001), refletiu-se sobre as transformações das tradições e suas relações com as mudanças ocasionadas pela globalização e seus reflexos no campo religioso a partir do texto *Globalização, tradições, simultaneidade de presenças*. Com Denise dos Santos Rodrigues (2012), depreendeu-se elementos para refletir sobre a nova configuração da representação religiosa e a crise de pertencimento institucional com o texto *Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional*. Tomou-se de Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2013) as proposições sobre o comportamento do catolicismo no Brasil no censo de 2010, a partir do texto *O catolicismo e a igreja católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010*. A partir de Cecília Mariz (2006), analisou-se as transformações da identidade católica no Brasil, observadas no texto *Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*

O censo de 2010 entre católicos e matrizes afro-brasileiras

Observa-se no contexto contemporâneo o aumento da pluralidade do mercado de bens de salvação, da individualização das crenças, da reflexividade dos indivíduos, do aumento do trânsito religioso, das múltiplas pertencas e de uma atuação católica cada vez mais fragmentada, podendo sugerir o fim do monopólio católico.

Entretanto, apesar da aparente diminuição da importância da instituição católica no cenário religioso brasileiro, a cultura católica faz parte da vida cotidiana tanto do fiel

quanto das interrelações sociais no interior da sociedade brasileira, sendo inegável sua influência no mercado religioso brasileiro, o que pode ser um indicativo da necessidade de entendimento do fenômeno contemporâneo como um todo, não apenas em categorias específicas como o catolicismo tradicional, popular, carismático e midiático.

Os estudos sobre a instituição católica no Brasil no campo da Sociologia da Religião variam desde considerações sobre o declínio da religião à reconfiguração de seu campo de atuação apontando para a capacidade da Igreja de controlar suas dissidências e de negociar visões opostas dentro de si mesma, com vistas a manter a fidelidade de seus membros face a crescente liberdade dos indivíduos em relação às instituições religiosas.

Nesse contexto, destacam-se os estudos de Flávio Pierucci (2004) e de Carlos Alberto Steil e Rodrigo Toniol (2013) que problematizam os principais elementos da visão sociológica sobre o tema do “declínio católico” e a diversidade interna do catolicismo brasileiro como elemento que parece contribuir para a manutenção e/ou fortalecimento do catolicismo na atualidade.

O impacto da secularização e da laicização sobre os modos de viver a religiosidade na contemporaneidade parece demonstrar a passagem da experiência religiosa do âmbito do “herdado” para a religião de opção ou de convicção sem a exigência de pertencimento a uma organização religiosa. Logo, nesse novo cenário que se configura sobre a religiosidade brasileira, é importante compreender os artifícios utilizados por essa instituição para administrar seus recursos mediante essa nova conjuntura.

Segundo aponta Pierucci (2004), nas sociedades contemporâneas, as filiações tradicionais encontram-se em queda e esse processo de “desfiliação”, segundo o autor, leva à priorização de vínculos quase só experimentais ocasionando aquilo que Giddens (1991) classifica como “desencaixe”. Pierucci (2004, p. 50) aponta o declínio de católicos como “[...] o traço mais forte e determinante a marcar o panorama atual do campo religioso brasileiro” e classifica a religiosidade brasileira como pós-tradicional e dinâmica, o que, segundo ele, seria responsável pelo aceleração do declínio demográfico progressivo da religião da tradição, tratando-se de um “[...] regime concorrencial cada vez mais desregulado pelo Estado e fora do controle da religião dominante” (PIERUCCI, 2004, p. 51).

O autor afirma ainda que um “mercado religioso desmonopolizado” favorece as “conversões individuais, em detrimento das identidades coletivas herdadas” (PIERUCCI, 2004, p. 54-55), caracterizando as consequências da modernidade e suas influências sobre

os modos de viver a religiosidade. Assim, uma possível crise católica, segundo Pierucci (2004), poderia ser atribuída a mudanças religiosas, sociais, culturais, morais, estéticas, científicas resultantes da própria sociedade contemporânea.

Assim, ainda que se constate, a partir do censo, a diminuição da população católica, não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais, pois a diversidade católica faz parte do ideário de ser católico no Brasil, conjugando tipologias diversificadas que fazem parte do próprio catolicismo, indicando o aspecto apontado por Cecília Mariz sobre o que a novidade católica está no “grau de diversidade dentro de uma única igreja sob uma única liderança” (MARIZ, 2006, p. 57), e que seria a proporção da diversidade marcada pela autonomia, “[...] a bagagem cultural própria de cada grupo de leigos desempenha um papel diversificador da experiência católica” (MARIZ, 2006, p. 58).

Nesse sentido, a diminuição de católicos talvez seja resultado de uma realidade própria de um processo cultural mais amplo do que as possibilidades de controle da Igreja Católica sobre a perda de fiéis, apontando para a possibilidade de a crise do catolicismo não ser institucional, vocacional ou conteudista, mas se relacione com a forma de viver a religiosidade na contemporaneidade.

Sobre esse aspecto, Steil e Toniol (2013), comparam os dados de pertencimento religioso católico decrescentes apontados pelos censos de 1990, 2000 e 2010 com a proporção do crescimento do número de paróquias criadas nas últimas décadas e com o percentual de padres por habitantes no país e concluem que, embora o número de fiéis venha diminuindo, a instituição vem se reproduzindo e se multiplicado nos últimos anos, destacando que a suposta crise que se evidencia seja do catolicismo e não da Igreja Católica enquanto instituição, contrastando daquilo que indica Pierucci (2004) sendo a crise. Logo, nesses termos, a crise seria da modernidade e não da Igreja Católica.

O que se pode depreender das transformações do catolicismo a partir da segunda metade do século XX, parece, desse modo, estar relacionado com os elementos que Cecília Mariz (2006) aponta:

- 1) as trocas com a modernidade, que podem ser observadas, por exemplo, na Teologia da Libertação, ao dar ênfase na participação democrática dos leigos e ao realizar uma crítica do clero; 2) o fim do monopólio do carisma, promovido por lideranças carismáticas leigas, sobretudo a partir das muitas aparições de Maria ao longo do século XX, provocando diversificação de carismas e conflitos entre sacerdotes

e leigos dentro da instituição; 3) a ingerência de instituições não religiosas e do mercado no espaço da Igreja, como mídia, governos, empresas, empreendimentos turísticos, entre outros, que assumiram o controle de diversas manifestações religiosas, sobretudo aquelas ligadas ao catolicismo popular, de forte autonomia com relação à Igreja Católica; 4) as campanhas internas vividas pelo catolicismo (a romanização, o catolicismo da libertação – CEBs; as pastorais sociais e da juventude e o carismatismo católico - os Grupos de Oração, as Comunidades de Vida e Aliança, o fenômeno dos padres cantores (MARIZ, 2006, p. 58-64).

Outros aspectos que também parecem estar relacionados às mudanças observadas no campo católico brasileiro podem ser atribuídas à própria dinâmica cultural, que vem direcionando os indivíduos para novos modos da experiência religiosa na contemporaneidade e destacados anteriormente como a reflexividade, a individualidade, a múltiplas pertencas e ao trânsito religioso, as disputas por espaço e a concorrência da religião evangélica, exigindo novas estratégias entre os campos de força da igreja, todos aspectos que, associados, parecem corroborar as considerações tanto de Pierucci (2004) quanto de Steil e Toniol (2013).

A afiliação e a declaração de pertença às religiões de matrizes africanas são analisadas por Luciana Duccini e Miriam Rabelo (2013), que refletem sobre o crescimento destas religiões, sobretudo umbanda e candomblé, a partir da desigualdade e apontam relações com “fatores sociais e, também, cosmológicos, relacionados aos caminhos distintos que esses grupos parecem ter tomado” (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 228).

De acordo com Reginaldo Prandi (1998), a história das religiões afro-brasileiras pode ser dividida em três momentos distintos e que podem fornecer subsídios para compreendermos a relação da identidade religiosa e a declaração no censo. Segundo o autor,

A história das religiões afro-brasileiras pode ser dividida em três momentos: primeiro, o da sincretização com o catolicismo, durante a formação das modalidades tradicionais conhecidas como candomblé, xangô, tambor de mina e batuque; segundo, o do branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30; terceiro, da africanização, na transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, africanização que implica negação do sincretismo, a partir dos anos 60 (PRANDI, 1998, p. 151-152).

Tomando as referências fornecidas por Prandi (1998), podemos compreender que a multiplicidade de aspectos envolvidos na constituição da umbanda enquanto religião brasileira tem o sincretismo marcando sua gênese. Segundo o autor, a religião passou por um processo histórico de branqueamento, que fez parte de um projeto cultural de constituição da noção de povo brasileiro. Desse processo resultou a cosmologia umbandista representada pelos escravizados africanos, pelos indígenas e pelas personagens regionais, como os baianos, cangaceiros, boiadeiros etc. Esse princípio constitutivo da umbanda retirou o protagonismo e a centralidade da cultura e da cosmologia nagô-yorubá no Brasil.

A representação dos orixás por santos católicos e a associação da prática mediúnica umbandista ao espiritismo europeu podem ser consideradas estratégias que permitiram a umbanda sobreviver e expandir-se para a classe média, freando seu crescimento, de modo que não se reflita no Censo de 2010 em questão.

Nesse contexto, analisar as religiões afro-brasileiras a partir do Censo do IBGE de 2010 se faz importante no sentido de que, embora com números não tão expressivos, elas “jogam papel importante em debates sobre a formação da sociedade brasileira e na política identitária de segmentos dessa sociedade”, além de contribuir com a reflexão histórica, a memória e os “processos de construção e afirmação da identidade em jogo na sociedade brasileira” (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 219).

Tomando como base o foco aqui proposto, que permeia as religiões afro-brasileiras, percebe-se uma discreta presença dos declarantes umbandistas e candomblecistas, e uma estabilidade em relação ao último censo realizado em 2000. Vale ressaltar que as pesquisas são realizadas de dez em dez anos.

Fazendo um retrospecto, segundo Reginaldo Prandi (2013), a categoria “religiões afro-brasileiras” aparece nos dados do censo apenas em 1980, onde então juntava-se a umbanda e o candomblé para as pesquisas. Anteriormente é somente nos anos de 1991, 2000 e 2010 que “podemos contar com dados que separam o candomblé da umbanda, sendo que a classificação candomblé reúne as chamadas religiões afro-brasileiras tradicionais: candomblé, xangô, tambor de mina, batuque” (PRANDI, 2013, p. 207).

No geral, a umbanda apresenta um declínio, enquanto o candomblé mostra sua ascensão ao longo dos anos quando se pôde ver sua separação dentro da categoria das religiões afro-brasileiras. Por conta desse crescimento do candomblé, que as religiões afro-brasileiras ainda apresentem crescimentos. Desconsiderando esse fato e analisando

as religiões afro-brasileiras em sua totalidade, observa-se um tímido declínio ao longo dos anos, com uma leve ascensão no último censo. Vale ressaltar também, que o candomblé “cresceu numa taxa duas vezes maior que a da população brasileira, indício de crescimento relativo real. Mesmo assim, o conjunto afro-brasileiro reduziu-se a um patamar estagnado abaixo do nível de crescimento vegetativo” (PRANDI, 2013, p. 209).

Ainda com uma presença relativamente tímida no espaço geográfico do país, percebem-se notáveis representações dessas religiões no Rio Grande do Sul, representando 1,47% da população total residente, no Rio de Janeiro, com 0,89%, na Bahia, com 0,34% onde se equipara a mesma porcentagem em São Paulo. Tomando como base a análise de Duccini e Rabelo (2013) a seguir,

Em um primeiro momento surpreende o fato de o Rio Grande do Sul apresentar proporção tão maior de afro-brasileiros, enquanto a Bahia aparece um longínquo terceiro lugar, junto com o Estado de São Paulo. Contudo, ao observarmos a distribuição interna ao campo afro-brasileiro, na Bahia os adeptos do candomblé são 86%, enquanto os da umbanda perfazem 13% deste. Já no Rio Grande do Sul, as proporções são muito diversas e o candomblé responde por somente 5% dos afro-brasileiros, enquanto a umbanda agrega 89%. Também em São Paulo e no Rio de Janeiro, a umbanda (73 e 64%, respectivamente) tem peso relativamente maior que o do candomblé (26 e 36%). Assim, no conjunto da população, a umbanda ainda se apresenta a maior das religiões afro-brasileiras, mas no Estado da Bahia a proporção se inverte e o candomblé ganha espaço (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 221).

A partir da reflexão das autoras acima, essa ocupação diversificada, provavelmente deve-se ao fato de diferenciadas colonizações e ocupações de alguns povos dentro do território brasileiro ao longo do tempo. O caso específico do candomblé na Bahia, onde Salvador ganha destaque (talvez na imagem acima não deixe explicitar tão bem, mas há um contingente relevante dentro da capital em comparação ao restante do estado), deve-se ao fato da constante tentativa de legitimação da religião, não apenas em aspectos numéricos e da religião tão somente, mas como uma afirmação de um “dos elementos componentes da “baianidade”, suposta identidade local difundida por guias turísticos, agentes e o próprio poder público em planejamentos estratégicos para o setor (DUCCINI; RABELLO, 2013, p. 221).

Mesmo com a inegável importância que o censo do IBGE traz para a análise das religiões, ao observar seus dados como um todo, o preconceito e discriminação que ainda emergem por parte das crenças afro-brasileiras faz com que, muitos adeptos não revelem

sua real pertença ao serem abordados por um agente do Censo, caracterizando uma porcentagem mínima de pertença em comparação às outras religiões abordadas.

Além disso, o fato de não se abordar a múltipla pertença religiosa, uma vez que as religiões afro-brasileiras têm como uma de suas características receberem pessoas de outras crenças em seu meio, reforçaria a possibilidade de certa refutação desses dados.

Mesmo assim, apesar desses aspectos negativos, – separando a umbanda do candomblé – o último continua crescendo. Tomando como base a reflexão de Duccini e Rabelo (2013, p. 231), a hipótese do crescimento da religião candomblecista se deu tanto pela multiplicação das trajetórias de adesão quanto pela sua conversão em declaração efetiva de pertença. Possível justificativa disso seria que, comparado as alternativas do campo mediúnico, como o espiritismo e a umbanda, o candomblé era visto como opção mais pesada, uma vez que não só exige de seus adeptos recém-iniciados grande dose de submissão e sacrifício (inclusive financeiro), como também produz marcas muito mais fortes sobre a identidade pessoal (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 231). Ao se trazer essas marcas sobre a identidade da pessoa que se inicia no candomblé, a declaração de pertença do candomblecista poderia vir a se tornar mais efetiva, reforçando a identidade religiosa e refletindo nos dados censitários com maior precisão.

Outro fator que vem contribuindo ao longo do tempo são os movimentos identitários do candomblé, “como a construção de identidades coletivas ou a produção cultural” (DUCCINI; RABELO, 2013, p. 231), seja na música (como vemos em várias vertentes do MPB referências a termos do candomblé), seja no turismo, como é o caso da cidade de Salvador, seja na participação política. Entretanto, a mesma articulação identitária não se observa na umbanda, talvez em função de seu processo sincrético e apelo por legitimidade via espiritismo kardecista.

Considerações finais

Conforme apontado ao longo do texto, percebemos que as sociedades contemporâneas passam por um intenso processo de transformação em que a destradicionalização é a marca mais evidente. Nesse contexto, o campo religioso reflete os aspectos das mudanças marcadamente pela desfiliação religiosa, característica notória da religião pós-tradicional na qual os vínculos se tornam frouxos e as multiplicidade de pertenças uma tendência.

Neste cenário, no panorama brasileiro, podemos observar refletidas no Censo do IBGE de 2010 as tendências do comportamento religioso brasileiro expressas nas declarações de pertença e identidade obtidas dos dados. Notadamente o catolicismo e as religiões de matrizes africanas estão marcados pela queda. Entretanto, não se pode afirmar a partir dos dados do censo que a diminuição da população católica e das matrizes africanas sejam resultado dos mesmos fatores.

O catolicismo deixou de figurar como uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais em função da diversidade católica fazer parte do ideário de ser católico no Brasil, e que conjuga tipologias diversificadas que fazem parte do próprio catolicismo. Nesse sentido, a diminuição de católicos talvez seja resultado de uma realidade própria de um processo cultural mais amplo do que as possibilidades de controle da Igreja Católica sobre a perda de fiéis, apontando para a possibilidade de a crise do catolicismo não ser institucional, vocacional ou conteudista, mas se relacione com a forma de viver a religiosidade na contemporaneidade.

Por outro lado, a umbanda apresenta um declínio, enquanto o candomblé mostra sua ascensão ao longo dos anos quando se pôde ver sua separação dentro da categoria das religiões afro-brasileiras. Observa-se um tímido declínio ao longo dos anos, com uma leve ascensão no último censo. Vale ressaltar também, que o candomblé “cresceu numa taxa duas vezes maior que a da população brasileira, indício de crescimento relativo real como consequência dos movimentos de reafirmação da identidade negra no Brasil.

O que podemos depreender ao observar os dados como um todo, nos permite perceber que ao preconceito e a discriminação que ainda emergem por parte das crenças afro-brasileiras faz com que, muitos adeptos não revelem sua real pertença ao serem abordados por um agente do Censo, caracterizando uma porcentagem mínima de pertença em comparação às outras religiões abordadas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

CARVALHO, José J. Globalização, tradições, simultaneidade de presenças. In: Cândido Mendes; Luiz E. Soares (Orgs.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Unesco, 2001. p. 431–479.

DUCCINI, Luciana; RABELO, Miriam C.M. As religiões afro-brasileiras no Censo de 2010. (Orgs). TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. In: **Religiões em Movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 219-234.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Ulrich Beck; Antony Giddens; Scott Lasch (Orgs.). **Modernidade reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997. p. 73-134.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content Analysis: an Introduction to Its Methodology** (2nd ed.) Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004.

MARIZ, Cecília L. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: F. Teixeira & R. Menezes (Orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: teoria, estratégias e técnicas. In: **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **Secularização e declínio do catolicismo**. Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

PIERUCCI, Antônio F. **Ciladas da diferença** São Paulo: Ed. 34, 1999.

PIERUCCI, Antônio F. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: Ari Pedro Oro; Carlos A. Steil (Orgs.). **Globalização e religião Petrópolis**: Vozes, 1997.

PRANDI, Reginaldo. Sobre as religiões afro-brasileiras (About Afro-Brazilian Religions) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2013v11n29p10. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, n. 29, p. 10-12, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p10> Acesso em: 01 de abril de 2023.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008> Acesso em: 01 de abril de 2023.

RODRIGUES, Denise. dos S. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional (The without religion in Brazilian census: sign of a crisis of affiliation) - DOI: 10.5752/P.2175-5841.2012v10n28p1130. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, 11 dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1130> Acesso em: 01 de abril de 2023.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. DE; GUINDANI, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**, 1(1). Disponível em: <https://www.periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351> Acesso em: 01 de abril de 2023.

STEIL, Carlos; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a igreja católica no brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. **Debates Do NER**, 2(24), 223–243, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.43576> Acesso em: 01 de abril de 2023.

SPENGLER, Oswald. **La decadencia de occidente**. Una morfologia de la Historia Universal. Trad. Manuel García Morente. Madrid: Espasa Calpe, 2009.